



ZERO

N: 4 - ANO X - 21 DE DEZEMBRO DE 1992 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC



National Geographic Society

ABORTO

Mata 200 mil mulheres por ano no Brasil.

O recorde mundial é nosso: 3 milhões.

Em quatro páginas examinamos este tema polêmico

PESADELO

Ex-presos políticos de SC lembram arbítrio e tortura

Na página 5



CONFISSÃO

Padre Quevedo desmascara picaretas da fé

Na central

Governo corta subsídios dos RUs



A partir de 93, os mais de cinco mil estudantes e servidores que diariamente utilizam os serviços do Restaurante Universitário, vão ter que desembolsar mais dinheiro para suas refeições. Isso porque as verbas específicas destinadas aos RUs foram extintas pelo Ministério da Educação e cada universidade terá que encontrar soluções próprias para continuar subsidiando as refeições, ou recorrer à privatização.

Para José Fletes, Pró-Reitor de Assuntos Comunitários, essa decisão do Ministério reflete a política de privatização das universidades iniciada no governo Collor. Ele acha que "muitas universidades estão se preocupando com os aspectos de ensino e financeiro, deixando de lado questões importantes como a saúde e a alimentação", que possibilitam um melhor desempenho dos estudantes e servidores.

A decisão do Ministério vai prejudicar diretamente cerca de quatro mil estudantes da UFSC, entre os quais mais de mil são carentes e dependem exclusivamente do RU. Só nos finais de semana o restaurante atende entre 400 e 600 universitários, que encontram nele a forma mais barata de se alimentarem. Os 1200 servidores que usam diariamente o RU poderão ter uma opção mais barata no vale-refeição, já que hoje aproximadamente 70% dos servidores técnico-administrativos da UFSC ganham menos de três salários - mínimos.

O valor que o usuário paga hoje pelo passe do RU cobre 60% do preço dos gêneros. O

Sem as verbas federais, restaurantes podem cobrar mais caro em 93

restante, e mais os custos de produção, é pago pelos subsídios. Para se ter uma idéia, em outubro, quando o passe custava Cr\$ 2.200,00 o preço dos gêneros era de Cr\$4.104,00. Na época o valor real de uma refeição, incluindo os custos de produção e de pessoal, chegava a Cr\$ 7.164,00. Este ano, a UFSC repassou para o RU 12% do seu orçamento total de Cr\$ 24,341 bilhões, ou seja, Cr\$ 2,911 bilhões. Nestes valores, não estão incluídas as despesas com pessoal, pagas diretamente pelo Governo Federal.

A solução do problema não será muito simples, se o governo não mudar a sua política de liberação de recursos para a educação. A proposta de orçamento para as universidades, em 1993, encaminhada pelo Ministério da Educação, prevê menos recursos do que os aprovados para este ano. O valor para 1993 é apenas 15% maior do que o efetivamente executado em 1992.

Até mesmo a implantação do vale-refeição, determinada pelo Ministério, vai encontrar obstáculos. É que não existe previsão orçamen-

tária para esse fim e seriam necessários Cr\$ 3 trilhões para atender professores e servidores de todas as universidades brasileiras. Fletes vê, por trás dessa decisão, uma manobra, porque repassando os recursos para o vale-refeição o Ministério da Educação se se desvencilha do compromisso de liberar verbas para os RUs. "Quem ficaria sem auxílio para a alimentação são os mais de quatro mil estudantes que diariamente utilizam o RU", afirma.

A UFSC ainda não encontrou uma solução para continuar subsidiando a alimentação em 93. Uma saída possível seria fazer com que os colégios agrícolas de Camboriú e Araquari e a Fazenda Experimental produzam gêneros para abastecer o restaurante da universidade. Atualmente, esses colégios produzem somente para o consumo próprio, e só grande investimento poderia gerar excedentes. "Mas outra vez se esbarra na falta de recursos para um projeto desse tipo, porque o dinheiro teria que vir do Governo federal ou de outras instituições", comenta Fletes.

A dificuldade na luta pela liberação desses recursos para os RUs, segundo ele, é que "alguns reitores acham que os servidores dos Restaurantes Universitários devem ser privatizados". A UFRJ, por exemplo, já fechou as portas do RU, sem maiores preocupações com as consequências disso na vida da comunidade universitária.

Jaime Moraes

Jornalismo quebra tradição e elege diretor

Mattos terá problemas com espaço e formação docente

Quando o professor Sérgio Ferreira Mattos assumir a direção do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC dia 28 de dezembro, duas tradições serão quebradas: a das "diretorias de consenso" e a ausência do Departamento de Comunicação no cargo. Nunca um professor do Curso de Jornalismo exerceu essa função. A chapa, que tem como vice o professor Antônio Mauro Motta, do Departamento de Artes, derrotou a chapa liderada pela professora Suzana Fontes, do Departamento de Letras.

Aos 43 anos, Sérgio Mattos é mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e já foi chefe do Departamento de Comunicação. Iniciou a carreira jornalística na Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ainda em Porto Alegre, trabalhou na Rádio Guaíba, TV Guaíba, TV Gaúcha, TV Difusora e TV Educativa. Desde 81 leciona no Curso de Jornalismo e foi consultor da TV Barriga Verde entre 84 e 85.

Zero — Quais os principais problemas que você vai encontrar?

Mattos — O grande problema do CCE é o espaço. O Centro não está conseguindo se expandir e qualificar suas atividades por causa disso. Desde que eu estou na Universidade há problemas de espaço.

Zero — Existe alguma chance de se ampliar o espaço físico do CCE?

Mattos — Promessas de reitor que se candidata e vem buscar voto por aqui, e de cada diretor que assume e procura resolver a coisa. O Curso de Jornalismo, por exemplo, vive confinado e produzindo num esquema de subprodução. Esse corpo de professores e alunos poderia produzir muito mais se tivesse espaço para isso...

Zero — Além do espaço, que outros problemas o CCE possui?

Mattos — Há uma distorção séria na vida



Mattos: histórico problema de espaço

acadêmica, porque há uma qualificação somente por títulos, que possibilita ascensão profissional e financeira. São os horizontes para os professores. Há uma série de saberes instrumentais e tecnológicos aos quais os professores não têm tido acesso. Não só por problemas financeiros, mas por causa de uma política, em que eles se voltam unicamente e passam a priorizar a sua vida acadêmica. Essa formação acaba gerando um professor que tem doutorado, mas que não domina uma linguagem de produção de vídeo, que é um recurso institucional comum em sala de aula hoje em dia. Não domina por exemplo, uma leitura crítica dos meios de comunicação, quando eles são usados como apoio institucional em sala de aula. A gente tem que pensar que qualificar é dar qualidade e não títulos.

Zero — É uma deficiência geral da Universidade?

Mattos — É geral, mas eu respondo pelo CCE. É um Centro cujo perfil dos professores tende a mudar, num médio prazo, porque a desastrosa política trabalhista do governo federal para com os servidores públicos, acabou gerando um processo de aposentadoria, quase precoce, em pessoas em plena forma intelectual, em pleno exercício de cidadania. Elas, de repente se aposentaram para não perder direitos já conquistados em momentos passados. Há departamentos em situação difícil. O LLV perdeu 14 professores, incluindo doutores, e está tendo dificuldades para preencher essas vagas, porque abre concurso e não encontra gente titulada, capacitada.

Zero — Isso influi no recebimento de recursos?

Mattos — Em relação à Universidade eu vejo um Centro sem comunicação e expressão. Vejo ilhas que poderiam trabalhar em certos projetos conjuntos que beneficiariam alunos. Temos que alardear o que fazemos. Precisamos de um marketing para as atividades do Centro, porque temos uma produção científica fantástica aqui dentro e não a notificamos para a comunidade.

Zero — Os departamentos do CCE também não são isolados entre si?

Mattos — Existe uma questão de pano de fundo. A gente corre o risco da Universidade se converter sempre em ilhas de bem-estar. Você tem lá um grupo de professores que dá suas aulas, faz mestrado, doutorado, recebe alunos e vai a congressos. Isso é pago pela população. Contudo, sem um questionamento maior daquilo que se produz, e quem se beneficia, podemos prosseguir na tradição de importar referenciais teóricos e seus objetos, sem olhar para nossa realidade e suas demandas. Esse é o risco, uma universidade alienada.

Entrevista: Claudine Nunes

Melhor Peça Gráfica I, II, III, IV e V Set Universitário Maio 88 Setembro 89, 90 e 91 Outubro 92

Jornal - Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina Arte: José da Silva Jr, Michelson Borges

Copy-write: Jornalistas Professores Gastão Cassel e Ricardo Barreto

Colaboração: Professor Jeffrey Hoff

Diagramação: Alexandre Gonçalves, Jussara Campelli, Maria Alice Baggio, Patrícia Jacomel, Victor Carlson

Direção de Redação e Supervisão: Professor Ricardo Barreto (MTb 2708/RS)

Editores Executivos: Alexandre Gonçalves, José da Silva Jr., Nelson Correia, Rogério Mosimann, Victor Carlson

Edição: Claudine Nunes, Maria Alice Baggio, Solon Soares, Viviane Araújo

Fotografia: Ana Carine Montero, Diógenes Botelho, Fábio Fava, Lauro Maeda, Victor Carlson

Laboratório fotográfico: Ana Carine Montero, Victor Carlson

Textos: Andréa Luswargui, Claudine Nunes, Cléia Schmitz, Diógenes Botelho, Emerson Gasperin, Fábio Fava, Gisele Dias, Jaime Moraes, Mônica Corrêa, Mônica Linhares, Pablo Claudino, Viviane Araújo

Acabamento e Impressão: Imprefar

Redação: Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-COM), Trindade, CEP 88049-900, Florianópolis/SC

Telefones: (0482) 31-9215 e 31-9290

Telex e telefax: (0482) 34-4069 Distribuição gratuita Circulação dirigida

Miguel sempre gostou de jogar pela direita

Como ponteiro do Tamandaré ou na campanha pelo PDS ele sempre lateralizou, não tem?

— **V**ais ganhar o prêmio Ézo... ézumonstro, dázumbanho!
Ele se orgulha de ser Manezinho da Ilha de troféu e tudo, muito embora seja natural de Biguaçu, o que também não nega. Torcedor "roxo" do Avaí, Miguel Livramento deve muito de sua carreira a essa paixão. Estreou no rádio no início dos anos 70 comentando um jogo de futebol. Hoje ele tem três minutos no jornal *Meio Dia*, da RCE-TV, para fazer seu comentário esportivo. Foi neste horário que popularizou frases suas que já viraram jargão local, principalmente entre os sofridos torcedores ilhéus, seus fiéis telespectadores.

Além dos três minutos no "encontro de comentaristas da RCE", onde ele discute, briga, grita e esbraveja, não só com seu companheiro de estúdio Roberto Alves, como também com os comentaristas do interior do estado, Miguel ainda reserva um pouco de seu tempo e fôlego para suas fãs de todas as manhãs. Todos os dias, das dez ao meio-dia ele comanda na Rádio Guararema - AM, um programa que leva o seu nome. Afinal de contas, ele garante que o horário foi consagrado por sua voz ao longo dos últimos 20 anos em que se arrasta por diversas AMs da cidade. O seu programa é no modelo único, tamanho P. Pentelho, pequeno, perfeito? Não. É popular mesmo. Utiliza a mesma fórmula da maioria dos programas, de quase todas as rádios AM, com horóscopo, resultado do jogo do bicho, previsão do tempo, oferta de emprego, casamento, compra, venda, troca e coisas do gênero. Inesperadamente, pode entrar no ar o sotaque não menos manezinho de Hélio Costa, "o seu repórter policial", com as mais-mais das delegacias de Florianópolis e região. A participação popular é garantida pelo telefone que não pára de tocar. Os ouvintes-participantes concorrem a vários prêmios, desde os últimos lançamentos da parada brega nacional e internacional, até ingressos para os jogos do Avaí. Se os prêmios não lhe interessam, você ainda pode ligar só para pedir uma música ou reclamar.

— Se bem que, de reclamação eu não gosto muito, não. O pessoal reclama muito, né? Nós somos muito acostumados a reclamar de tudo mas eu não sou muito chegado não.

Reclamar? É parece que Miguel não tem muito do que se queixar ultimamente. O Avaí, seu time do coração, cujo emblema ele traz estampado no chaveiro e no cinzeiro que decora sua mesa, só tem sido motivo de orgulho. Ele fala quase emocionado do time que, contrariando todas as expectativas, deixou para trás as melhores equipes do Estado mas não obteve o campeonato. O locutor e comentarista fala com segurança de toda a equipe técnica, mas considera o treinador Sérgio Lopes um pouco medroso.

— Se bem que, cabeça de técnico é igual a barriga de mulher grávida, tu nunca sabe o que vem.

Dos jogadores ele fala muito bem e elogia quase todos, menos o Villas, capitão avaiano. O que rola "à boca pequena" nos bastidores do futebol é que na verdade Miguel teria uma certa "marcação" com o jogador.

— Eu não gosto do futebol do Villas. Eu acho que o Villas não é jogador para o Avaí, ele é muito lento.

Villas garante que não esquenta com os comentários maldosos. Ele lamenta apenas que o "Miguelzinho" influencia o torcedor a xingá-lo.

— É chato chegar em casa e ouvir tua esposa dizer que o Miguelzinho te xingou o jogo inteiro. Mas tudo bem, o importante é a opinião do treinador. O que Miguel fala entra por um ouvido e sai pelo outro.

Mesmo negando sua mágoa pelo comentarista, Villas é decisivo ao afirmar que nunca assistiu um programa dele, e que não entra num estúdio para gravar com Miguel Livramento.

Há quem diga que o principal problema de Villas para o comentarista é sua cor. Será que o Miguelzinho é racista? Ele garante que não. Talvez seja algum trauma do passado. Há alguns anos, quando um cabo da polícia militar invadiu seu programa noturno para reclamar do baixo salário, o experiente comunicador descontrolou-se.

— Tira esse negão daqui, que esse negão tá doido! Desliga as câmeras, tira o programa do ar! Segura esse negão!

Ao mesmo tempo amado e odiado pelos torcedores, Miguel é alvo de todo tipo de manifestações. Como a Xuxa, rainha dos baixinhos, Miguelzinho também ganha muitos presentes de seus fãs. Pode ser uma caixa de vinhos, uísque importado, um barquinho artesanal com as cores de seu time, ou até a camisa de seda azul e branca, que ele exibe orgulhoso.

— Essa aqui foi presente de uma fã.

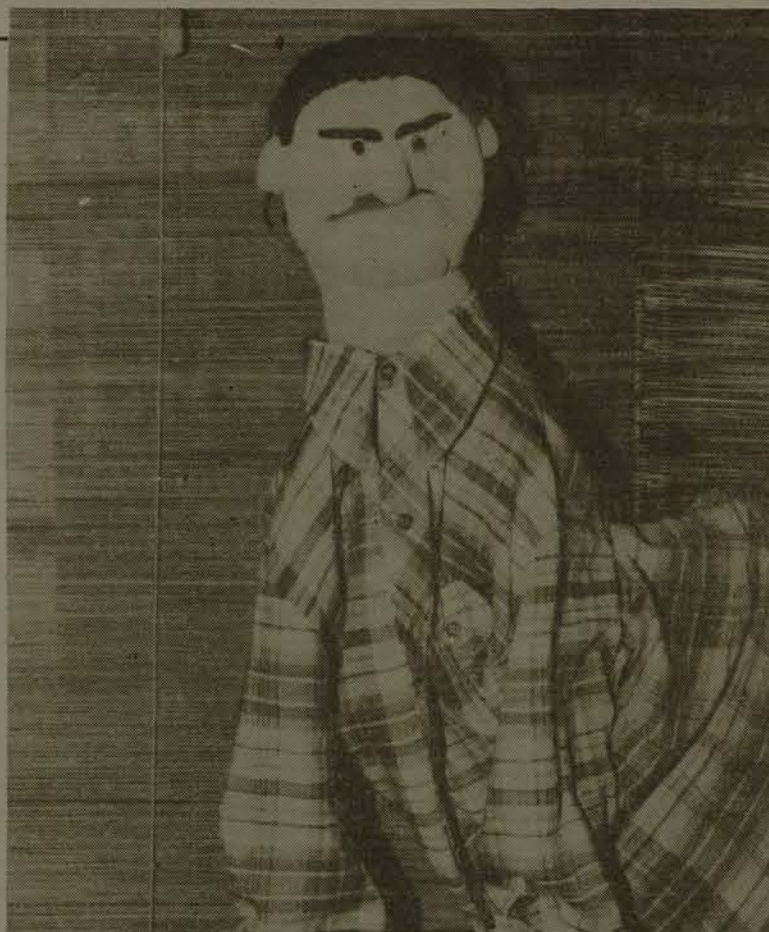
Mas nem só de presentes se faz o reino do rei dos manezinhos. Ele também pode incitar a fúria de alguns amantes do futebol. Seu Osnildo, telespectador assíduo de Miguel, pára de comer seu camarãozinho ao bafo, toma um longo gole de cerveja e desabafa.

— Pergunta pra ele, por que que ele não se candidata pra algum cargo na diretoria do Avaí? Ou então, por que ele não vai ser técnico do time, em vez de só ficar criticando?

É, seu Osnildo, pra técnico ele admite que não serve. Embora tenha sido titular no juvenil do Tamandaré Esporte Clube, antigo time de várzea de Florianópolis, ele reconhece que era um medíocre ponta-direita. Quanto a se candidatar, Miguel não pensa na idéia, pelo menos agora.

— A não ser, se eu ganhar na loteria, não tem? Se eu ganho na loteria eu pego a presidência do Avaí.

Mas Miguel não reclama de sua atual condição financeira não. Além dos programas na rádio e na TV, ele engorda seu orçamento com os videobingos, que sua produtora realiza para os times de futebol do Estado. O Avaí teve que desembolsar Cr\$ 30 milhões para pagar a ML Produtora, que produziu o concurso televisivo para o time no dia 8 de novembro. Os comerciais ficam por conta do locutor em seus programas diários. Parece que o futebol tá virando um grande negócio, pelo menos para Miguel. Em uma pesquisa, encomendada à Perfil, ele foi lembrado pela maioria dos entrevistados como o comunicador que mais se identifica com o povo ilhéu, o mais "manezinho". Isso lhe valeu um convite por parte do político Chiquinho de Assis, que na época disputava a prefeitura da cidade. Ele convidou o comunicador para fazer um



Miguelito brilhou mais na TV que o original

comentário de 1 minuto, diariamente, no seu horário de propaganda eleitoral gratuita na TV. Miguel, que sempre simpatizou com o PDS, partido de Chiquinho, e sendo amigo íntimo do candidato, aceitou prontamente o convite.

— Eu sou amigo particular do Esperidião Amin. Também teve esse problema. O Esperidião Amin, ligou pro então, na época, dono da RCE-TV, que era o doutor Freitas, pedindo pra eu participar, e não sei mais o quê, que era interessante, e eu participei. Mas eu não preciso de político pra nada.

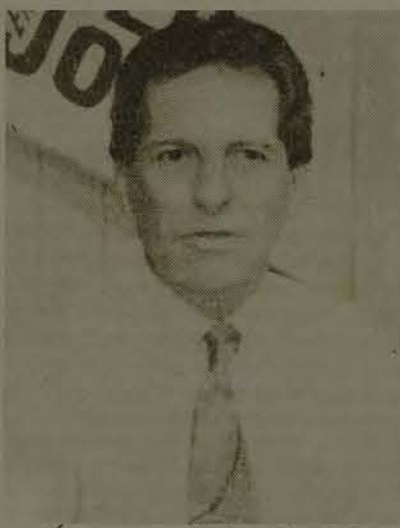
É, parece que ele realmente não está nem aí pra grana do Chiquinho. Ele garante que trabalhou de graça, e nega que o seu Escort novo tenha sido comprado com o dinheiro da campanha. O Escort "veio da companhia seguradora", depois do acidente que destruiu o outro carro tirado do consórcio em junho deste ano.

O que ele não nega é a antiga paixão que tem pelos partidos de direita.

— Eu toda vida fui PSD. PSD... PDS, é tudo a mesma coisa né? Até dizem que quem é Avaí é PSD e quem é UDN é Figueirense.

Além das boas lembranças e da vontade de participar de outras campanhas, Miguel também trouxe alguns incômodos do seu tempo de garoto propaganda collarido. Ele confessa que sofreu provocações frequentes, através de telefonemas anônimos e de faixas e cartazes ofensivos que apareciam na Ressacada.

Por seu destempero e fama, Miguel Livramento também ganhou um sócia durante a campanha eleitoral. O Miguelito, um boneco caricatural do comunicador, que fez sucesso no horário político gratuito de Sérgio Grandó, o candidato eleito do PPS. O brilho do satírico Miguelito foi maior que o do Miguelzinho. Com a ajuda do boneco, Grandó garantiu a vaga na prefeitura de Florianópolis. Mas o Miguel não se deixa abater. Ele garante que gostou da experiência e que pretende repeti-la em outra oportunidade, mas afirma que nunca será candidato. Afinal como assegura: Uma coisa é uma coisa. Outra coisa é outra coisa, completamente diferente.



Ézumonstro, Dázumbanho!

comentário de 1 minuto, diariamente, no seu horário de propaganda eleitoral gratuita na TV. Miguel, que sempre simpatizou com o PDS, partido de Chiquinho, e sendo amigo íntimo do candidato, aceitou prontamente o convite.

Gisele Dias

Fichas desaparecem. Ninguém viu

Até coordenador de maternal foi arquivado em SC

Dois de 20 anos de ditadura militar, Santa Catarina ainda guarda as sete chaves os entulhos da chamada fase negra da República. Perdidas ou "sumidas" em alguma parte da Secretaria de Segurança estão as fichas de muitos cidadãos catarinenses considerados subversivos e comunistas. Alguns morreram, muitos foram presos e torturados, a maioria nem desconfia da existência de tais fichas. Até porque, bastava esbarrar em qualquer cidadão considerado comunista para ser fichado.

"Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestados no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujos sigilo seja imprescindível a segurança da sociedade e do Estado". Artigo 5º, item 23 da Constituição Federal. O secretário de Segurança Sidney Pacheco deixou de cumprir as suas responsabilidades atestadas na Constituição. Há mais de um mês o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, (SC), Amauri João Ferreira vem pedindo a abertura dos arquivos do DOPS. Delegacia da Ordem Pública e Social de Santa Catarina. "O secretário disse não ter conhecimento dos arquivos", revela Amauri que acha inconcebível o Sigilo com o "entulhos da ditadura".

Além de omissão, o secretário Sidney Pacheco deve sofrer de falta de memória, pois na própria Constituição estadual, que ajudou a elaborar, consta em seu artigo 4º que "as comissões de Poder Público que tornem inviável o exercício dos direitos constitucionais serão supridas na esfera administrativa, sob pena de responsabilidade da autoridade competente, no prazo de trinta dias, contados do requerimento do interessado, sem prejuízo da utilização de medidas judiciais". Devido a "rabugice" do secretário em atender os pedidos de abertura, foi criada no dia 30 de novembro uma Comissão Parlamentar Externa (CPE), formada por dez deputados, para apurar a localização dos arquivos e as denúncias de torturas, mortes e desaparecimentos em Santa Catarina. O próprio secretário de Segurança tem mais de dez denúncias contra si, é o que garante o presidente da OAB, Amauri João Ferreira.

O deputado Vilson Santin classificou de absurdas e ridículas as declarações do secretário de Segurança Sidney Pacheco, de que "um louco" era o respon-



Santin: emoção

sável pelas fichas recentes encontradas nos arquivos. "O secretário é centralizador, a sua imagem está se desgastando a cada dia".

A Comissão Parlamentar Externa tem 120 dias, a partir de 9 de dezembro, para apurar o caso. A CPE é presidida pelo deputado Vilson Santin (PT) e integrada pelos deputados Lírio Rosso (PMDB), relator; Joaquim Lemos (PFL), Gervásio Maciel (PDS), Nilton Fagundes (PSDB), Celso Bonatelli (PDT), Sérgio Grando (PPS), Antônio Ceron (PL), Marcelo Rego (PDC) e Ivan Ranzolin (PRN).

Surpresa - No dia 3 de dezembro os deputados Vilson Santin e Lírio Rosso estiveram em audiência com o secretário Sidney Pacheco. Diante da pressão, examinou o requerimento da Comissão Parlamentar e autorizou a abertura dos arquivos. Sidney Pacheco se mostrou tranquilo e disse não ter conhecimento dos arquivos, mas mesmo assim pe-

Buscas prosseguem

O presidente da comissão externa dos desaparecidos políticos da Câmara Federal, deputado Nilmário Miranda (PT-MG), esteve dia 9 em Florianópolis, participando de uma sessão especial da Assembléia Legislativa em homenagem aos mortos e desaparecidos na época da repressão.

A comissão, foi formada após as denúncias do sargento Marival Chaves Dias do Canto (ex-agente do DOI-CODI), publicadas na revista Veja de 18 de novembro. "O depoimento de Marival equivale às denúncias do Eriberto Batista no caso Collor", alerta o deputado. Até agora o trabalho de investigação revelou 21 novos nomes de vítimas da repressão. Três mortos já foram localizados em Tocantins. O de-

putado Nilmário Miranda diz que "se os responsáveis não forem condenados pela justiça, pelo menos, receberão a punição moral com a publicação de seus nomes".

diria que os deputados procurassem na Direção Geral de Informação e Informática - DCI. No DCI, para surpresa de todos, os deputados encontraram algumas fichas, que supostamente teriam escapado da operação "limpeza". Os deputados tiveram que procurar em mais de 300 mil fichas, onde estavam os criminosos e os presos políticos. Entre os fichados foram localizados o prefeito eleito de Florianópolis, Sérgio Grando e o auditor fiscal da Receita Federal, Edson Araújo. Esta ficha porém é curiosa. Araújo foi "arquivado" por ser coordenador financeiro da escola da Associação Cultural Sol Nascente - onde funciona uma maternal e jardim de infância. A polícia tinha informes que a escola só aceitava alunos cujos pais fossem socialistas e condenassem o capitalismo. A ficha é de 1983, o que confirma a perseguição política, mesmo após a anistia.

Araújo desconhecia o fato e foi peço de surpresa com a notícia. "Minha ficha devia estar lá por não me considerarem um militante importante". Ele desmente as afirmações contra a escola e diz que lá podem estudar todos os tipos de pessoas.

Além de estar incompleto e desorganizado, os arquivos não tem segurança. Antes da liberação das fichas para a Comissão Parlamentar Externa, muitas pessoas tentaram obter informações a seu respeito e não conseguiram. Mesmo assim alguns documentos foram retirados sem autorização. A reportagem do Zero teve acesso a 44 fichas confidenciais de presos políticos, que foram desviadas do DOPS-SC. Está comprovado que é muito fácil sumir com arquivos que por algum motivo não são do interesse das autoridades.



Miranda: responsabilizar

putado Nilmário Miranda diz que "se os responsáveis não forem condenados pela justiça, pelo menos, receberão a punição moral com a publicação de seus nomes".



Espera por notícias dura mais de 13 anos

Ainda há desaparecidos

Mesmo após a anistia, assinada em 1979 pelo então presidente da República general João Batista Figueiredo, muitos presos políticos ainda estão desaparecidos. São 144 pessoas em todo o Brasil. Em Santa Catarina ainda estão desaparecidos Paulo Stuart Wright, de Joaçaba (ex-deputado estadual), Arno Preiss, de Forquilha e o criciunense João Batista Rita.

Paulo Stuart Wright, eleito deputado com 2,5 mil votos, foi cassado poucos meses após a sua posse, em 64. A alegação foi de que Wright teria desviado verbas da Federação de Pescadores. O cerco estava armado. Ele foi destituído do cargo por falta de decoro parlamentar, e nunca mais foi visto no estado de Santa Catarina. Embora seu corpo não tenha sido encontrado, há quem garanta que o ex-deputado acabou sendo morto pela repressão.

João Batista Rita saiu do Brasil, fugindo da repressão. Estava militando em favor do governo socialista no Chile em 1973. Sua família nunca mais teve notícias. Provavelmente foi assassinado quando voltava para o país, o que não era difícil de ocorrer na época.

Arno Preiss era ativista de esquerda. As investigações do comitê de anistia em Santa Catarina indicam que ele possa ter sido assassinado em uma fazenda, no interior de Goiás. Sua família espera notícias até hoje em Forquilha.

Os mortos - Um deles foi Rui Otto Pfitzenreuter, natural de Orleans (SC). Rui é o único catarinense oficialmente morto pela repressão. Sua ossada foi entregue para a família dentro de um saco de lixo.

Frederico Eduardo Mayr foi morto em 25 de fevereiro de 1972, em São Paulo, por agentes do DOI-CODI do II Exército. Na versão oficial consta que ele

foi alvejado em tiroteio com agentes de segurança, no bairro da Aclimação, e não chegou vivo ao hospital. A verdade é que ele foi baleado no abdômen, em plena Avenida Paulista e depois levado à sede da repressão local, onde foi torturado até a morte. Os assassinos foram os investigadores do DOPS-SP, Aderval Monteiro e Lorival Baeta e os policiais Oberdam e Caio da Polícia Civil de São Paulo, todos comandados pelo general Carlos Alberto Brilhante Ustra e o tenente-coronel Dalmo Lúcio Muniz Cirillo. O corpo de Mayr foi enterrado no cemitério de Perus, como indigente e o nome falso de Eugênio Magalhães Sardinha. "Frederico era namorador e queria ser arquiteto", comenta sua mãe, Gertrude Mayr. Já era tarde não houve tempo nem para projetar o seu próprio túmulo.

Nem ex-expedicionário escapou da repressão. O antigo pracinha Lucindo Costa, natural de Sergipe, mas residente em Mafra (SC), foi preso e assassinado em 67. Seu corpo foi encontrado numa estrada em Curitiba e enterrado como indigente em cemitério local - ver quadro ao lado.

Vânio Mattos foi morto no Chile, no Estádio Nacional. Após ter saído de Florianópolis para se juntar à ex-força pública de São Paulo, ele trocou o posto de capitão, pelo que muito chamaram de "mais cômodo", um lugar no paredão da morte. Luiz Eurico Tejera Lisboa era militante da Aliança Libertadora Nacional (ALN), quando foi preso em setembro de 72. Desde então desapareceu. Seu corpo foi encontrado em junho de 79 no cemitério de Perus com o nome falso de Nelson Bueno. A causa-mortis aponta: "suicídio".

Textos:
Diógenes Botelho

“Anistia só absolve criminosos”

No dia 5 de novembro de 1975 começou a operação Barriga Verde a mais completa caça de “subversivos” que se tem notícia em Santa Catarina. Sob alegação de proteger a família catarinense contra a formação do Partido Comunista Brasileiro foram seqüestrados 42 catarinenses, na mais violenta afronta aos direitos humanos no estado. Os presos ficaram dez dias incommunicáveis em Curitiba sofrendo todo o tipo de torturas e ameaças.

Após o julgamento, quase dois anos depois, dezesseis presos foram condenados.

Entre os condenados estava Alécio Verzola, na época com 27 anos. Verzola trabalhava em uma livraria, foi preso quando saía de casa às 8 horas da manhã. Durante seu tempo de cativeiro em Curitiba, sofreu torturas como choque elétrico, palmatória e pau de arara. Foi julgado em inquérito policial militar e posteriormente condenado a dois anos e nove meses de prisão. “Várias vezes invadiram a minha casa e ameaçaram os meus familiares”, desabafa Verzola.

“Quando fui solto não tinha mais trabalho, a situação era difícil, demorei um ano e meio para voltar a trabalhar”. Verzola nunca deixou de ser patrulhado, e alguns dias após ter sido solto recebeu a visita de um companheiro de cela, Teodoro Ghercov, que havia tentado o suicídio na cadeia. A Polícia Federal, sabendo da visita, bateu em sua casa e levou os dois e mais quatro familiares de Verzola presos para averiguações, como era

Ex-presos políticos lembram dos tempos de agonia e tortura, mas não se arrependem de ter combatido o regime



Verzola: ameaçado e perseguido até 87

rotina na época, depois foram soltos

A perseguição - Mesmo após a anistia Alécio Verzola não teve sossego. De 86 para 87 Verzola fez uma viagem para Goiás. “Eu percebi que havia algo estranho, quando nos computadores da companhia de aviação os meus dados da Polícia Federal apareceram”. Ele estava em São Paulo e percebeu que alguém seguiu seu trajeto. “Na volta resolvi vir de ônibus, mas para meu azar 6 indivíduos armados embarcaram junto comigo. Eram cinco homens e uma mulher”. Eles acompanharam Verzola até Florianópolis fazendo várias ameaças, inclusive de morte.

O patrulhamento não pára por aí, e por incrível que pareça, em janeiro deste ano surgiu mais uma prova de que os arquivos do DOPS-SC, estão em algum lugar do Brasil, provavelmente em Curitiba ou mesmo armazenado nos computadores da Polícia Federal em Brasília. Verzola solicitou passaporte, e, ao contrário da rotina, o prazo de 24 horas para entrega não foi cumprido. A alegação da funcionária foi de que havia alguma questão pendente com seu nome em Brasília.

Apesar de todo o sofrimento, Verzola não se arrepende de nenhum de seus atos e estaria disposto a fazer tudo de novo e de maneira melhor. Quanto à anistia ele desabafa:

— Ela nunca é para o chamado preso político. Historicamente, podemos ver que ela só absolve o criminoso, aquele quem matou, seqüestrou e torturou.

Fotos: Victor Carlson - Zero



Nésio: “conforto” da cadeia fez a família considerá-lo morto



Garcia: quatro anos (de tortura), sem entregar ninguém

Diógenes Botelho - Zero

Choque nos genitais

A única preocupação de Nésio Jaques Pereira naquela manhã de 64 era não chegar atrasado ao serviço. Nésio estava feliz, afinal tinha trocado o trabalho duro de operário em fábrica de prego, pelos “confortáveis afazeres” de um funcionário público. Só que nem chegou aos afazeres, muito menos aos confortáveis. No caminho, Nésio foi seqüestrado, não se sabe por quem e por quê.

A família, desesperada, considerou-o morto. Na verdade, a sua simpatia pela esquerda tinha lhe rendido 70 dias de prisão no quartel da Polícia Militar em Florianópolis. Depois do sumiço, ele voltou para casa. Era um morto-vivo, ou quem sabe, mais um dos espetáculos mágicos de uma junta militar que fazia qualquer coisa desaparecer em questão de segundos. Para compensar, sua mulher recebeu pensão até 79.

A prisão não foi suficiente para apagar os ideais esquerdistas de Nésio. Ele se tornou secretário-geral do Movimento

Nacional dos Servidores Públicos e a recompensa foi mais um ano de prisão. Desta vez, o show era outro. As brincadeiras preparadas para a recepção eram o choque elétrico (de preferência nos órgãos genitais), o “telefone” (tapa entre os ouvidos, rústico mas eficiente quando em doses de 300 aplicações por dia) e o enforcamento. Com todo esse “conforto”, foi fácil Nésio acompanhar a Copa do Mundo de 70, os brasileiros tinham muito o que festejar no país do “Ame-o ou deixe-o”. O que restava saber era se o deixe-o significava uma vaga no cemitério.

“Nunca neguei ser comunista”, emociona-se. Apesar de todas as dificuldades que ele e sua família passaram, Nésio ainda teve forças para ser fundador do Partido dos Trabalhadores em Santa Catarina. Aposentado pelo Ministério das Comunicações (ganha o mesmo da carreira inicial), hoje e trabalha com o deputado Milton Mendes de Oliveira, para “não deixar a peteca cair”.

Comunista vomita sangue

A repressão não conseguiu arancar nada de José dos Reis Garcia. Preso em 14 de abril de 1969, ele foi torturado, processado e condenado a quatro anos de prisão: dois anos por organizar a fuga do coronel Cardin, que discordava do regime, um ano e meio por formar organização clandestina e seis meses por ofensas ao presidente Costa e Silva. Na verdade, Garcia não conhecia o coronel Cardin e nunca entregou panfletos com ofensas ao presidente. Ele apenas fazia parte do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), o que na época era um crime, pois o partido resistia na clandestinidade.

Arrancado de dentro do Banco do Brasil, sob a alegação de planejar um assalto, Garcia passou 60 dias incommunicável na sede da Polícia Federal em Curitiba. Na época, era diretor do departamento jurídico do sindicato dos bancários e mesmo prestes a se formar em direito, não teve sequer condições de defesa. Para escapar da tortura inven-

tou organizações, como a 26 de Março e soltou nomes quaisquer, mas nunca revelou a verdade. “Eu não entreguei nenhum companheiro”, garante Garcia.

Na prisão, a resistência continuava, mas o corpo já dava sinais de cansaço. Garcia ia para as sessões de tortura e voltava com hematomas por todo o corpo, vomitando sangue. Os métodos então mudaram, “eles ameaçaram torturar meu filho de nove meses, trazido junto com minha esposa”.

Garcia era persistente em seus ideais e nunca interrompeu sua militância. Duas semanas após ser solto já estava no Chile organizando a oposição ao governo brasileiro. Hoje, aos 52 anos, ele é assessor sindical e militante do PT. Mas do passado ele não esquece. “Espero que esta seja a última vez que a gente tenha que recordar fatos tão escabrosos como os que vivemos neste país a partir de 64”.

Textos:
Diógenes Botelho

Padre Quevedo desmascara os charlatães

Quevedo ataca os curandeiros, considera os gnomos uma grande bobagem, e vê a parapsicologia como a única solução contra a superstição e os excessos de seitas e religiões

Em uma época em que os livros de misticismo e esoterismo são os mais lidos e as pessoas deixam se influenciar por astros pirâmides e gnomos e bobagens do gênero, o "caçador de bruxos", Oscar González-Quevedo, continua a sua luta contra as "superstições", "milagrerias" e "charlatanices". Quevedo é conhecido por suas posições polêmicas em relação ao "sobrenatural". Confronta-se, frequentemente, com curandeiros e feitiçeiros e, mesmo entre os católicos, suas idéias nem sempre são bem aceitas. Convencido de que "as aparições não passam de visões, criadas pelo inconsciente das pessoas" ele afirma, também, que o Brasil é o país mais supersticioso do mundo e por isso com

maior crescimento de insanidade mental". Jesuíta espanhol, Quevedo foi um dos fundadores do Centro Latino-Americano de Parapsicologia (CLAP), em São Paulo, do qual é diretor-presidente. É também professor de parapsicologia da Faculdade Anchieta e membro honorífico do instituto de Investigações Parapsicológicas de Córdoba, Argentina. Escreveu vários livros, entre eles, *O que é parapsicologia*, *A face oculta da mente*, *Antes que os demônios voltem*, e a coleção *Os mortos interferem no mundo?* De passagem por Florianópolis, onde ministrou dois cursos sobre parapsicologia, padre Quevedo recebeu a reportagem do Zero para uma entrevista exclusiva.

Entrevista: Pablo Claudino e Jaime Moraes



Há muito mais crimes envolvendo a magia, do que é divulgado

o Hospital Metodista, em Huston, Texas, onde tiveram que retirar-lhe cinco vértebras. Arigó não a curou, quase a mata. Os curandeiros não procuraram a causa da doença e quando curam os sintomas são criminosos.

Zero - É fácil identificar esses truques de charlatanismo?

Quevedo - É muito fácil para um parapsicólogo porque ele é também um especialista em truques, em mágicas. É impossível para o público em geral. No livro *O poder da mente demonstro* alguns dos truques feitos pelos curandeiros. E faço tudo através de técnicas e truques, não tenho poderes especiais. As pessoas acreditam que seja possível fazer uma cirurgia de extração, sem cortes ou com cicatrização instantânea. Mas cientificamente não é possível: se há um corte e a extração de um lipoma.

ZERO

ciência. Há quase um século que a parapsicologia desafia dois médiuns a psicografar, cada um, cinco linhas alternadas de um mesmo texto. Um escreve a primeira linha, o outro escreve a segunda, depois o primeiro escreve a terceira linha, e assim sucessivamente, até que cada um tenha escrito cinco linhas. Até hoje já tentaram várias vezes, mas nunca conseguiram. Chico Xavier e Divaldo Franco dizem sempre que escrevem e falam inspirados pelos espíritos dos mortos. Se fosse um morto o que lhe custaria ditar as dez frases a um e a outro psicógrafo?

Essa é a prova de que não são os mortos, que é o inconsciente dos médiuns. Eles dizem que os espíritos dos mortos reuniram-se no além, em congressos internacionais, para convencer aos céticos e parapsicólogos. Fizeram desafios de todos os tipos, prometeram quantias enormes de dinheiro. E realmente conseguiram nos convencer: os mortos nunca fizeram nada. Outro exemplo envolvendo Chico Xavier. Ele diz que recebe mensagens do espírito de São Luiz Gonzaga, rei da França. Ora, são muito ignorantes esses espíritos dos mortos. São Luiz Gonzaga, jovem jesuíta italiano, não tem nada a ver com São Luiz, rei da França, na época das cruzadas. Ele ouviu falar em São Luiz Gonzaga, depois ouviu falar de outro São Luiz, rei da França. Misturou as coisas e criou São Luiz Gonzaga, rei da França. Apesar da sua boa vontade, deu uma amostra de ignorância total. Assim poderemos ver coisas mais absurdas ainda. O nosso romancista Monteiro Lobato deixou duas senhas antes de morrer: uma com Godofredo Rangel, diretor dos jornais *O Dia* e *A Noite*, do Rio de Janeiro; e outra com Ruth Fontoura (do *Biotônico Fontoura*) de São Paulo. Lobato não revelou as senhas para mais ninguém. A intenção do escritor era que, se depois de morto alguém afirmasse ter recebido alguma mensagem dele, teria que aparecer as senhas. - "se não aparecer a senha, não sou eu", concluiu. Morreu Monteiro Lobato e Chico Xavier "psicografou" um texto imitando o estilo do escritor, mas não apareceu nenhuma das senhas, nem sequer adivinhou que elas existiam. Isso demonstra que é mérito de Chico Xavier e não tem nada a ver com os espíritos dos mortos. Ele imita os estilos dos autores porque o seu inconsciente foi treinado para isso. Não é capaz de escrever música ou fazer uma pintura, somente literatura. Ao contrário o médium, Gasparetto só pinta, não escreve literatura ou música. Isso prova que são as tendências desenvolvidas no inconsciente de cada um.

Zero - E as curas "milagrosas"? Zé Arigó, por exemplo, ficou famoso por essas curas. Como a parapsicologia explica isso?

Quevedo - Explica facilmente: exercício ilegal da medicina. No meu livro *O poder da mente na cura e na doença*, cito um slogan da pesquisa internacional: "o curandeiro é sempre perigoso, e quando cura, criminoso". Por exemplo, Márcia, filha de Juscelino Kubitschek, tinha uma doença na coluna vertebral e procurou Arigó. Com a confiança que depositou nele e o poder do psiquismo e da sugestão, ele tirou a dor, mas não a doença. Como deixou de sentir os sintomas, acreditou que estava curada. Juscelino mandou tirar Arigó do cárcere, onde estava porque muita gente morreu por doenças que qualquer enfermeiro teria curado. Foi publicado em todo o mundo que Márcia tinha sido curada pelo espírito de Adolfo Fritz, através de Zé Arigó. O que ninguém publicou - só o Estado de São Paulo numa pequena nota - que meses depois Márcia teve que ser levada às pressas para



Aceitei o desafio da Manchete e da Rede Globo. Demonstrei que Uri Geller era um falsário

Zero - Qual a contribuição que a Parapsicologia pode dar à sociedade?

Quevedo - Ela contribui tirando superstições. Hoje, o povo está escravizado por credences como astros, pirâmides, runas, mau-olhado e energias negativas que andam por aí. Tudo isso é bobagem, sem fundamento. Diante de tanta poluição de religiões, seitas e superstições surgiu a parapsicologia, que é um conjunto de ramos da ciência que estuda o misterioso, o extraordinário, os fundamentos verdadeiros ou falsos de todas as religiões.

Zero - Então, o homem tende a buscar o misterioso, o extraordinário?

Quevedo - Sim, essa tendência é boa, só que por um caminho errado. O mundo ficou materializado, ateu. As pessoas deixaram de lado essa transconsciência, essa tendência sobrenatural inata no homem. Então surgiram tantos grupos, seitas, religiões, falsas doutrinas, para alimentar essa necessidade do homem. Como são religiões sem fundamentos aparecem os falsos milagres de curandeiros, sugestão e fanatismo. Assim a telepatia, a psicografia, o movimento de objetos, tudo isso que a parapsicologia explica é interpretado como milagre. A parapsicologia procura distinguir em cada fenômeno o que é natural, humano, em todas as épocas, religiões, seitas, daquilo que é verdadeiramente um milagre superior. Esses milagres só têm acontecido em ambiente religiosos-divino.

Zero - O senhor falou em psicografia. Chico Xavier e outros médiuns dizem que recebem mensagens de pessoas já mortas. É possível essa comunicação?

Quevedo - A psicografia provoca-se através da sugestão, da hipnose, em qualquer estado de cons-

ciência. Há quase um século que a parapsicologia desafia dois médiuns a psicografar, cada um, cinco linhas alternadas de um mesmo texto. Um escreve a primeira linha, o outro escreve a segunda, depois o primeiro escreve a terceira linha, e assim sucessivamente, até que cada um tenha escrito cinco linhas. Até hoje já tentaram várias vezes, mas nunca conseguiram. Chico Xavier e Divaldo Franco dizem sempre que escrevem e falam inspirados pelos espíritos dos mortos. Se fosse um morto o que lhe custaria ditar as dez frases a um e a outro psicógrafo?

Zero - Qual a explicação da parapsicologia para as precognições?

Quevedo - A precognição - antes conhecida como premonição - é um aviso do inconsciente. O nosso inconsciente extrassensorial não é limitado pela matéria, pelo tempo e pela distância. Ele conhece o passado, o presente e o futuro numa margem aproximada de duzentos anos. Essa precognição pode aparecer nos estados de consciência alterados: de susto, febre alta, hipnose, relaxamento e no sonho. É o princípio dos vasos comunicantes: quanto menor o estado de consciência mais facilmente pode surgir o inconsciente. No sonho geralmente surge o preconsciente psicológico ou o inconsciente coletivo. Mas também pode surgir o inconsciente parapsicológico. O sonho em si é um fenômeno psicológico normal, mas dentro do sonho pode emergir algum fenômeno parapsicológico.

Zero - O que você acha da reencarnação?

Quevedo - Não há reencarnação. O que há é uma enorme ignorância sobre o assunto. Quem prega a reencarnação não sabe que de um ser humano só pode nascer outro ser humano da mesma natureza. Não é possível imaginar que os pais geram somente o corpo e a alma vem de outro lugar. Mais absurdo ainda é pensar que o corpo é apenas uma camisa para ser trocada por outra na reencarnação. Para os reencarnacionistas, a alma seria o homem. Mas o homem, corpo e alma, é uma coisa só. Ele nasce, vive, morre e ressuscita como homem. Por isso não existe a ressurreição da carne, mas sim a ressurreição do homem. O que acontece é que entre a morte clínica e a morte real há um período de 21 dias. Isto é, logo depois da morte clínica o cérebro pára e há uma inconsciência total. À medida que vamos morrendo no corpo físico, que nossas células vão apodrecendo, vamos ressuscitando em um corpo espiritualizado, em células de luz. Esse processo dura, em média, 21 dias. A partir do oitavo dia o homem já está mais ressuscitado que morto. Ainda existem milhares de células vivas mas a maioria já está completamente morta. Portanto, o homem é gerado corpo e espírito desde o início. Os reencarnacionistas dizem que se alguém é doente ou tem um defeito



Superstição leva à alienação, à loucura e, quando tem chances, chega à violência

é porque está pagando o karma da outra vida. Então, se um animal nasce defeituoso está pagando os pecados da outra vida? Isso são falhas da natureza, geralmente com causas explicáveis. Alan Kardec disse que se duas crianças nascem siamesas estão pagando os pecados da outra vida, que são uns canalhas. E se um médico, como aconteceu aqui em Joinville, consegue separá-las, elas deixam de ser canalhas e o canalha passa a ser ele. Isso é o maior disparate que a imbecilidade humana conseguiu criar.

Zero - Como você vê o crescimento das práticas de magia negra que às vezes terminam em crimes?

Quevedo - Essas práticas são muito mais numerosas do que se sabe. No livro *Antes que os demônios voltem* conto muitos casos que nem sempre aparecem na imprensa e a polícia não fica sabendo. O caso do menino de Guaratuba ficou conhecido porque existiam motivos políticos no meio. Toda superstição leva à violência. E muito mais a magia tipo feitiço, porque, segundo Alan Kardec e Chico Xavier, os espíritos que ficam "agarrados" à terra seriam os maus, porque os bons já estariam livres. Então a magia tem que conquistar os espíritos danados, perversos, os demônios, as valquírias, as fadas, oferecendo comida, cachaça ou matando crianças e virgens. Dizem que quanto pior for o feitiçeiro mais simpatia vai conseguir do espírito mau. Toda essa mentalidade cruel tenta conseguir a ajuda dos espíritos em benefício próprio e contra os outros. É uma mentalidade supersticiosa, que leva à alienação, à loucura e, quando tem chances chega à violência, ao crime. E acontecem muito mais crimes do que os divulgados pela imprensa.



Médicos definem código para barriga de aluguel

Há muito tempo ouve-se falar de bebê de proveta e barriga de aluguel, só que até hoje não havia no Brasil nenhum tipo de regulamentação que controlasse essas práticas. Para resolver este problema, o Conselho Federal de Medicina apresentou no dia 12 de novembro um conjunto de normas éticas que devem ser seguidas pelos médicos. O Conselho também discutiu a AIDS e proibiu a obrigatoriedade do exame HIV para admissão em empresas.

O código de ética do CFM estabelece agora que o número de pré-embriões colocados no útero da mulher deve passar de dez para quatro. "Eles põem muitos para assegurar que a fertilização dê certo. Mas se ocorre o desenvolvimento de sêxtuplos, por exemplo, é feito um aborto. É isso que nós queremos evitar", explica Léo Coutinho, representante catarinense no Conselho Federal de Medicina.

Os pré-embriões que não forem usados terão que ser congelados e guardados para uma futura fertilização. Os pais devem determinar o futuro dos pré-embriões por escrito, e em nenhuma hipótese eles podem ser eliminados. Segundo o código de ética do CFM, desde a fecundação existe vida.

Produção independente — Com a regulamentação, as mulheres solteiras também podem fazer fertilização em laboratório — é a oficialização da chamada "produção independente". No entanto, as mulheres casadas precisam de aprovação do marido para serem fertilizadas.

O CFM também se preocupou com questões posteriores à fertilização. Para não ocorrerem problemas quanto a posse da criança, os doadores de pré-embriões ou espermatozoides não podem conhecer os receptores e vice-versa. Pelas normas éticas, fica proibida a comercialização dos óvulos, espermatozoides e pré-embriões. O tecido embrionário não pode ser usado para outros fins que não a reprodução.

Pela primeira vez, a figura da doadora temporária do útero é

aceita pelo CFM. Mas, a "barriga de aluguel" só pode ser praticada quando a dona do embrião tiver problemas médicos. A mulher que abrigará o embrião tem que pertencer à família da "mãe genética", num parentesco de até segundo grau. "Destá maneira se evita a comercialização e o risco de a mulher não querer entregar o bebê quando nascer", alerta Léo Coutinho.

Punição — A desobediência dessas normas pode ir da advertência até a cassação do diploma médico. A fiscalização do cumprimento das normas é responsabilidade do Conselho Federal de Medicina. O próximo passo é levar o código de ética ao Congresso, para a criação da legislação. Para Coutinho, "o assunto é muito sério para ser decidido só por médicos. Deve haver uma discussão com toda a sociedade, já que existem questões morais e religiosas envolvidas no assunto."

A Igreja Católica considera desonestas as técnicas de reprodução que envolvem pessoas estranhas ao casal, como a doação de esperma ou óvulo, e a "barriga de aluguel". É o que diz o novo livro do Catecismo da Igreja Católica publicado em novembro, que substituiu outro, escrito há quatro séculos.

A Igreja acha que a manipulação genética com a finalidade de selecionar o sexo ou outras características do bebê é contrária à dignidade pessoal do ser humano. Os únicos métodos anti-concepcionais aceitos são a abstinência periódica e a "tabelinha". Qualquer outra forma de impedir a procriação — antes, durante ou depois do ato sexual — é considerada má e amoral.

Os portadores do vírus da AIDS também ganharam proteção no código de ética do CFM. A partir de agora, as empresas estão proibidas de realizar o exame HIV nos empregados e candidatos a vagas. O exame só será necessário em internamentos hospitalares pré-operatórios, doações, exames pré-admissionais ou periódicos em prisões.

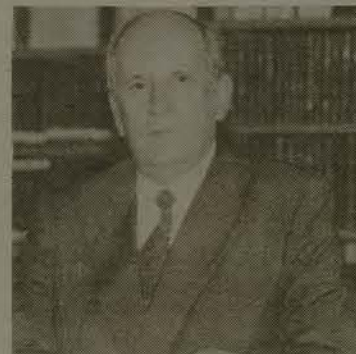
Viviane Araújo

Comissão discute legalização do aborto no Brasil

Triste recorde: a cada dois minutos uma mulher coloca sua vida em risco. Deputada do PT propõe a legalização e revisão do Código Penal de 1940

Quando abriu a discussão sobre a legalização do aborto, o ministro da Justiça, Maurício Corrêa, determinou em outubro a criação de uma comissão para examinar os artigos que tratam do assunto no Código Penal com o objetivo de elaborar um plano de reforma. A consciência ética de cada brasileiro, influenciada ou não pelo Direito e Teologia Moral, assume posturas variadas em relação ao aborto voluntário, e conseqüentemente, a sua legalização.

O atual Código Penal brasileiro em vigor desde 1940 permite a prática do aborto para os casos de estupro, sob autorização judicial, depois de enfrentar um processo geralmente demorado. Tam-



Corrêa: legalizar

bém legaliza o aborto quando a gravidez traz risco de vida para a mãe, comprovado por junta médica.

O ministro Maurício Corrêa diz que se o aborto fosse legalizado no Brasil, a Previdência Social deveria arcar com o custo da operação nos hospitais públicos ou conve-

niados. Esses serviços de saúde já estão assegurados à gestante no substitutivo da Lei do Aborto proposto pela deputada Jandira Feghali. Segundo seu projeto, a interrupção da gravidez é livre até a décima semana de gestação, aumentando o prazo até a 25ª semana para casos de anomalia física e/ou mental grave e incurável, comprovados por diagnósticos clínicos. O projeto da deputada permite o aborto em fase gestacional, se não houver outro meio de salvar a vida da mãe, se a gravidez for resultado de estupro, ou se for comprovada a contaminação da gestante pelo vírus HIV.

Mônica Corrêa da Silva

São 200 mil mortes por ano

O Brasil é o recordista mundial de casos de aborto, alcançando a cifra de três milhões por ano. Cerca de 200 mil mulheres morrem anualmente por causa de complicações. A cada dois minutos é feito um aborto no Brasil. Estes dados são do ministério e da Organização Mundial da Saúde. Mas os números podem ser muito maiores, já que complicações do aborto são registradas como outras doenças, para evitar problemas jurídicos para a mulher. Sem contar os abortos que são realizados em casa ou em clínicas clandestinas, onde as pesquisas das organizações nunca chegam.

A legislação vigente no Brasil é de 1940 e prevê o aborto apenas em dois casos: gravidez de alto ris-

co para a gestante ou se for resultante de estupro. Esse último caso só vale se for registrada queixa policial. Se uma mulher fizer aborto fora dessas condições pode pegar pena entre um a três anos de prisão. E quem faz o aborto de um a quatro anos.

No exterior - Nos últimos vinte anos, mais de 65 países reformularam suas legislações sobre o aborto, tornando-as mais liberais. Mesmo assim, 60% da população mundial vive em países onde ele é uma prática ilegal, ou autorizado apenas em circunstâncias específicas, como o estupro.

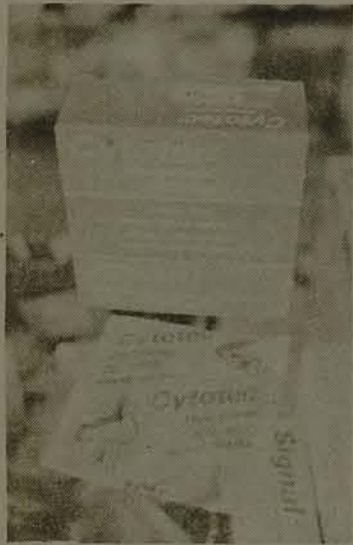
Nos anos 60, apenas 40 países tinham algum tipo de lei sobre o aborto, mas nos anos 70 e 80 o número cresceu bastante, principalmente na Europa. O

aborto chegou a ser legalizado, inclusive em países influenciados pela Igreja como a Itália, a Espanha e recentemente Portugal. Atualmente, na França, Bélgica, Grã-Bretanha, Holanda e Dinamarca, ele é permitido dentro de boas condições de segurança, sendo custeado pelo governo.

O caso mais marcante e liberal de lei de aborto, recentemente, ocorre nos Estados Unidos, desde de 73. A Suprema Corte Americana determinou que ele não poderia ser proibido durante os três primeiros meses de gravidez, já que o embrião não era considerado humano, logo, não tinha direito à vida.

Mônica Linhares

Soluções caseiras trazem riscos e podem envenenar



Fácil de ser comprado

Sonda e Cytotec garantem aborto com hemorragia

Ana, como é conhecida na casa de prostituição La Maison, estava grávida de três meses quando resolveu abortar. Aos 21 anos, ela é mãe de um menino de cinco anos, que mora com a avó no oeste. Sem condições de cuidar de um novo bebê e sem poder entregá-lo novamente à mãe por motivos financeiros, arriscou.

A primeira tentativa foi com o Cytotec, remédio para úlcera, que comprou de uma amiga. Introduziu dois comprimidos na vagina, tomou injeção sem saber o conteúdo recomendado pela mesma amiga e engoliu oito comprimidos diversos, cujo nomes esqueceu. Não funcionou.

No dia 23 de dezembro de ano passado, Ana colocou a sonda para perfurar a placenta. Um dia depois retirou. Passadas duas horas, o feto foi expulso do organismo enquanto Ana sofria forte hemorragia.

Na La Maison, como em outras casas de prostituição, as prostitutas normalmente exigem que o parceiro use preservativo e tomam anticoncepcional: "é difícil a gente engravidar, mas se isso acontece a casa não se envolve, nós resolvemos o problema".

A maioria conhece chás abortivos: arruda som Cibalena, utilizada para dor, de cabeça ou até chás feitos com pêlos pubianos. Mas garantem, o melhor é o Cytotec. Ana confirma: "na farmácia perto da universidade você cosegue o remédio e toma lá mesmo a injeção que ajuda a abortar".

Claudine Nunes

"Tomei chá de cachaça, arruda e desceu tudo"

"Eu não queria mais um filho. Já tenho um e é uma luta, não é fácil... Aí fiquei grávida de novo e tomei chá de arruda, alecrim e cachaça e desceu tudo", conta Maria, 24 anos, solteira e mãe de um menino de cinco. Desempregada, ela mora com os pais na Lagoa da Conceição, Florianópolis. Há cinco meses, quando descobriu que estava grávida de novo, procurou uma benzedeira de Barreiros, indicada por uma amiga. A benzedeira receitou cachaça com alecrim e arruda. Durante quinze dias Maria tomou a mistura até sentir uma cólica bem forte e perder o filho.

No interior da Ilha de Santa Catarina ainda é comum encontrar mulheres como Maria que usam remédios caseiros para provocar o aborto. As especialistas nestes tipos de remédios são chamadas de enraizeiras (aquelas que trabalham com plantas), mas as fórmulas são conhecidas por várias mulheres, principalmente as mais velhas. As plantas usadas nos chás vão desde as mais populares como canela e limão até outras estranhas e difíceis de encontrar como o purici, trazido do Rio Grande do Sul, e o ananai.

Mas os chás não são feitos só com plantas. Em muitas receitas um ingrediente indispensável são as bebidas alcoólicas. A cachaça é a mais usada. O vinho e o conhaque são recomendados puros, apenas aquecidos. Só que nem todos acreditam na sua eficiência. Rosana, uma curitibana de 19 anos que mora na Lagoa, aprendeu várias receitas com a mãe e acha que o vinho surte um efeito contrário pois fortalece o útero e torna a mulher ainda mais fértil.

O médico do Posto de Saúde da Lagoa, Pedro Schmidt conhecido como Pedrão, não desconfia só do vinho. Para ele, chá nenhum provoca o aborto e na maioria das vezes



as mulheres pensam que estão grávidas, mas é apenas um atraso da menstruação. Em outros casos o que acaba provocando a perda do filho, segundo Pedrão, é o fator psicológico. "O fato de não querer o neném é meio caminho andado para o aborto".

A enfermeira Iolanda Flores Silva acredita fervorosamente nos resultados dos remédios caseiros. Afinal, esse foi o tema de sua dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina. Durante três anos ela pesquisou a medicina caseira do Ribeirão da Ilha e constatou o uso de vários remédios abortivos. Iolanda diz que eles funcionam, mas só depois dos primeiros dois meses de gravidez. Ela alerta que é preciso ter cuidado com os chás, pois na medida errada eles podem provocar envenenamento.

Segundo Iolanda é muito

raro acontecer complicações no aborto provocado pela ingestão de chás e as enraizeiras normalmente avisam que podem surgir problemas se a receita não for seguida à risca. Estas enraizeiras são procuradas principalmente por mulheres que vêm de outros bairros. Muitas adolescentes têm medo que as mães fiquem sabendo e preferem métodos considerados mais eficientes. Por isso procuram as farmácias e as caximbeiras, como são chamadas as antigas parteiras que provocam o aborto com instrumentos com agulha de tricô ou pedaço de pau.

Maria da Lagoa conta que quando ficou grávida pela primeira vez, seu pai ficou furioso e quis bater nela. Sua mãe, Dona Rosa, diz que brigou pois descobriu que o filho era de um homem casado. "Se fosse solteiro a gente fa-

zia casar". Dona Rosa acha o aborto um absurdo mas concorda que se a moça não tiver condições de criar o filho é melhor tirar. Ela diz que só não recomendou um chá para a filha Maria porque ela já estava de três meses.

Hoje Maria diz que não teria coragem de fazer o aborto de novo e sempre fala para as amigas: "não arruma que não é fácil". O médico Pedrão lhe receitou o DIU ou a pílula, mas Maria acha desnecessário pois pediu um tempo para o namorado e não transa mais com ele. Já a curitibana Rosana, prefere continuar com o namorado e seguir as indicações de Pedrão. "Saio sempre com dez camisinhas daqui do posto. Levo para as minhas amigas também".

Clóia Schmitz

Abortos mal feitos causam mais de cem internações por mês

Desinformação e métodos medievais são as causas

No Hospital Carmela Dutra em Florianópolis, chegam 70 mulheres por mês com problemas gerados por tentativa de aborto, feitas em casa ou em clínicas clandestinas. Os métodos utilizados por 60% delas são sondas, agulhas de tricô e remédios perigosos para induzir o aborto, segundo a enfermeira-chefe, Ewangelita dos Santos.

Infeções causadas por operações feitas em condições precárias são extremamente comuns, segundo a enfermeira. As mulheres procuram o hospital para tratar de infecções, sangramento, ou até para tirar o feto que às vezes, é esquecido dentro do útero em tentativa de aborto feitas em condições precárias. Raras são as mulheres que admitem ter provocado o aborto. "Elas têm muito medo. Dizem que caíram, que o marido bateu nelas, que levaram um susto", diz Wanda.

No ano passado, os casos de aborto chegaram a mais de cem por mês. A enfermeira-chefe do hospital acredita que o decréscimo do número de pacientes tem como causa o uso cada vez mais freqüente dos métodos medicinais, e a proliferação de clínicas clandestinas. "Atualmente as mulheres apelam menos para os métodos não ascéticos", diz Wanda, sem descartar o perigo do Cytotec e outros medicamentos.

Mesmo sem usar sondas ou métodos caseiros para abortar, grande parte das pacientes acaba no hospital por ter passado antes numa clínica clandestina. A enfermeira informa que normalmente as mulheres se deslocam até Joinville e Camboriú, onde podem esperar um atendimento mais razoável. A maioria fica sabendo do nome e endereço das clínicas por amigas. Outras, dizem que são informadas nas próprias farmácias, pelas atendedoras. Em Florianópolis não



Ewangelita: 86% tem menos de 29 anos

existem clínicas especializadas, segundo as mulheres entrevistadas no hospital. Fora algumas com atendimento bastante precário, o que se espalha feito praga são casas, onde pessoas sem muita instrução praticam o aborto, normalmente em péssimas condições. Quem tem dinheiro viaja para São Paulo ou Porto Alegre, e dependendo da clínica escolhida consegue obter um atendimento muito bom, mas caríssima.

Uma pesquisa realizada em 84 pela enfermeira Ewangelita dos Santos — a única feita até hoje em Florianópolis, mostra bem a situação das mulheres que procuram o Carmela Dutra após um aborto provocado. Entre as mulheres que chegam ao hospital 99% ganham menos de dois salários mínimos e 50% dizem ter praticado o aborto por razões econômicas. Desse universo 86% tem menos de 29 anos e 70% são solteiras. O grau de escolaridade também é baixo. Quanto à escolaridade 68% tem ensino de 1º grau e 80% são analfabetas.

No Hospital Carmela Dutra convivem as duas faces do problema do aborto — o brutalmente provocado nas classes baixas, e o espontâneo, entre as mulheres de alta renda. Na "ala nobre" só entram casos de abortos espontâneos. Os filhos são normalmente desejados e programados. Há exceções — raríssimas. E os métodos utilizados

para provocar o aborto são sempre comprimidos e drogas medicinais. Além disso, as mulheres da classe alta, normalmente resolvem o problema de um filho não esperado em clínicas especializadas, sem apelar para remédios e sondas. Wanda lembra o episódio de uma mulher pouco mais de vinte anos, que chegou ao hospital surpresa, sem saber explicar por que estava abortando. Há mais de um mês tinha ido a uma clínica clandestina e pago alto preço pelo aborto. Mas o médico da clínica não fez literalmente nenhuma operação. Por coincidência, a mulher veio a perder o feto espontaneamente. Pobres ou ricas, a internação de mulheres com quadro de abortamento no Hospital Carmela Dutra não é nada barata. Os custos médicos de um caso, sem grandes complicações, varia entre Cr\$ 1,5 milhão (diária) a Cr\$ 3 milhões. Isto, se a mulher ficar no máximo dois dias internada no hospital. Mas há casos em que ocorrem complicações e a paciente pode ficar internada por duas semanas, até ser transferida para outra instituição. Muitas vezes nem se fica sabendo o que acontece com a paciente que se complica. Mesmo assim, o número de óbitos não chega a ser assustador. Numa média de 840 casos por ano, o hospital registra aproximadamente quatro mortes.

Mônica Linhares

A lei respeita estupros e gravidez de alto risco

Enquanto as vítimas de aborto provocado enchem os leitos do Carmela Dutra, casos de abortos legais em mulheres estupradas ou com gravidez de alto risco, quase não existem nos registros do Hospital.

A lei garante que, nestas situações, a interrupção voluntária da gravidez não será punida. No entanto, não fica estabelecido quem fará o atendimento dessas mulheres. "A lei leva as mulheres a procurarem todos os hospitais sem nunca serem atendidas", explica Léo Coutinho, representante catarinense no Conselho Federal de Medicina.

Além disso, as mulheres também sofrem com a burocracia dos hospitais. São exigidos o registro de ocorrência do estupro na delegacia e o laudo de corpo delito, papéis nem sempre fáceis de se conseguir. "A mulher não

costuma dar queixa e só procura a polícia quando percebe que está grávida", diz Coutinho.

Nos casos de gravidez de alto risco, o aborto só pode ser feito como aval da junta médica, responsável por uma série de testes para constatar se a operação é realmente inevitável. Coisa que pode levar tempo, estimulando alguns médicos a decidir pelo aborto, passando por cima da burocracia. Mas na maioria dos casos, a burocracia vence. Depois de superada a papelada, a mulher tem que passar pelo crivo da opinião do médico, que pode negar-se a fazer o aborto apelando para o Código Penal ou o Código de Ética Médica. O motivo, explicado pelo jargão "razões de consciência", pode ser pessoal, religioso ou mero preconceito. "A lei não obriga nenhum médico a fazer aborto. Só faz quem quer." Finaliza Léo Coutinho. (M.L.)

Má educação sexual é uma das causas

Universitários entre 18 e 23 anos reclamam da educação sexual que tiveram. A maioria acha que este é um dever da família e que a escola foi insuficiente.

A questão do aborto divide opiniões. Uns acham que é crime, enquanto outros não hesitariam em abortar. A preocupação com a AIDS é unânime, mas o uso da camisinha não.

Fabíola Pereira, 18 anos, Administração: "Eu acho que a AIDS é um castigo contra essa bandalheira que anda por aí. Eu sempre me cuido e não me deixo levar pelo desejo. Tenho equilíbrio entre o emocional e o racional. Para mim o aborto é um crime, e até no estupro é uma vida que está se tirando".

Osmar Reis da Silva, 21 anos, Ciências Contábeis: "Agora com a AIDS o cara não pega qualquer mocréia por aí. Tem que conhecer a guria. Uma mulher de zona deve ter AIDS, mas uma que a gente conhece num barzinho não deve ter. Aí vai no chute mesmo. Sou a favor do aborto para me livrar e não ficar sofrendo o resto da vida.

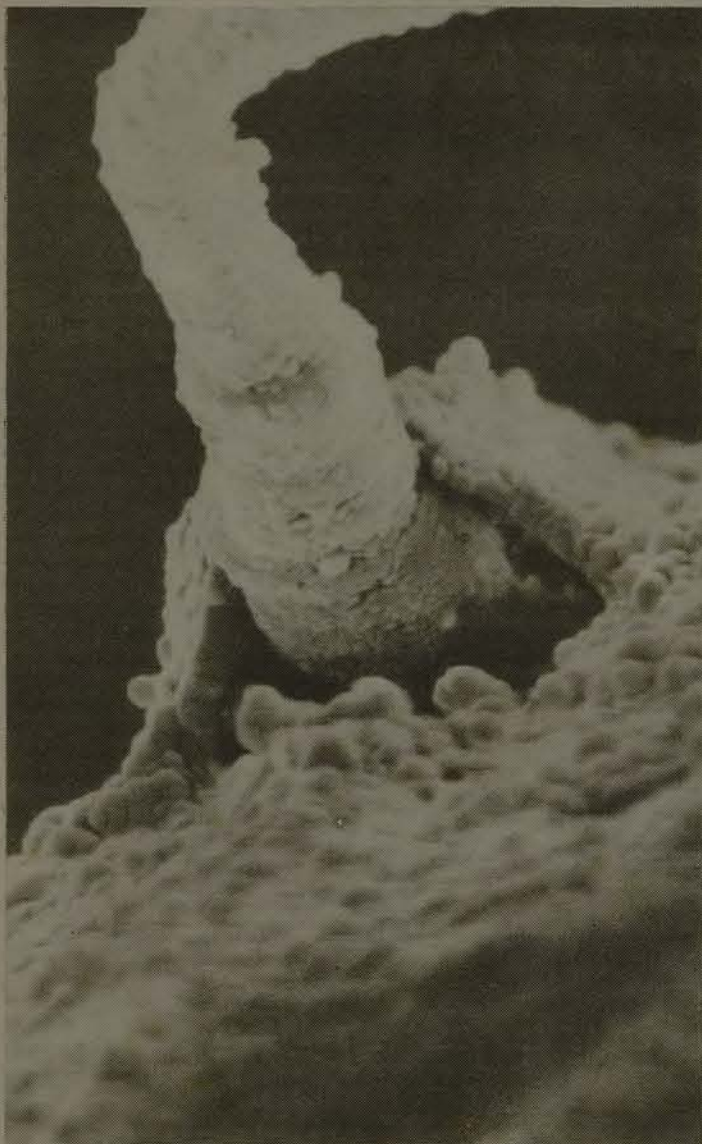
Luciana Pavan, 19 anos, Engenharia Civil: "A AIDS me assusta e só transaria com um cara se o conhecesse bem. Mas também poderia deixar me levar pelo momento e não me preocuparia com nada. Se ficasse grávida, faria um aborto. Não acho justo botar uma criança no mundo para sofrer".

Gustavo Barreto, 19 anos, Odontologia: "Tive os primeiros toques sobre sexo no livro 'De onde vêm os bebês'. A família nunca me ensinou nada e até hoje tenho um monte de dúvidas. Cresci com um monte de preconceitos e ainda não consigo unir sexo ao amor, por causa da visão distorcida que eu aprendi a ter do sexo. Sou contra as pessoas que fazem do aborto um método anticoncepcional."

Joelma Moraes, 20 anos, Medicina: "A educação sexual é dever da família, porque é ela quem forma o caráter e o comportamento da pessoa. Eu tomo pílula e se transasse com um cara que não conhecesse, ele teria que usar camisinha. Se ficasse grávida, abortava, porque estou começando meu curso. Eu não tenho maturidade para ser mãe, conteceu por acaso, não foi escolha minha."

Michel Demitrios, 19 anos, Engenharia Química: "Aprendi sobre sexo na rua e com uns toques do meu irmão. A AIDS acabou com a minha vida. Eu odeio camisinha e só transo se valer muito à pena. Minha vida sexual caiu 50%. Quanto ao aborto, se fosse namorada eu não deixaria, se não fosse tudo bem."

Viviane Araújo



Espermatozói-
de penetra o óvulo:
sobreviverá ?

Aborto-relâmpago custa US\$ 300 e leva dois minutos

O homem sai da clínica de roupa branca e aparência serena. São seis horas da tarde, e ele caminha em direção ao seu automóvel Mercedes-Benz do ano. Ele foi o único médico que opera uma clínica clandestina que resolveu falar.

“Eles não fecham a clínica, porque precisam de mim”, diz o médico. Ele atende em média dez mulheres por dia, de todas as procedências e classes sociais. Desde empregadas domésticas até filhas de políticos. Quando é indagado sobre o respaldo que recebe para garantir o funcionamento de sua clínica, o doutor baixa a cabeça, pega sua valise no banco do carro e responde: “Todo mundo precisa”.

Certa promotora estadual disse em jornal que é impos-

sível provar que tais clínicas realizam abortos. O médico entrevistado guarda o nome e o número da identidade de todas suas clientes, para se proteger de denúncias. “Sou um dos únicos médicos que trata destes casos. Ninguém quer se comprometer”, argumenta. Explica que é um profissional da saúde e expõe a quase impossibilidade de um flagrante. “Não tenho medo. Não existem provas contra mim”. Diz não se sentir culpado e crê na importância do seu trabalho.

O procedimento de aborto é tão simples que não chega sequer a ser considerado como cirurgia. A “curetagem”, como é chamada, dura cerca de dois minutos e é feita com anestesia geral. O preço médio do aborto nesta clínica é de US\$ 300, e uma hora de-

pois, a paciente vai para casa, caminhando.

Para o doutor, o alto preço se justifica pelo caráter da ilegalidade do aborto. Outro motivo é a necessidade de “fazer uma seleção”, pois se o preço fosse acessível às classes menos favorecidas, a clínica não comportaria todas as clientes.

O doutor conta que muitas mulheres se sentem culpadas, ficam inseguras, e é comum eles fazerem o aborto e denunciarem o médico. “Elas querem se livrar da culpa e tentam jogar para cima de mim”. Ele acha que o maior motivo disso é a educação religiosa que essas mulheres tiveram. “A Igreja amedronta as mulheres”, diz. “A Igreja é hipócrita, assim como certos segmentos da sociedade, que fazem questão de não enxergar a realidade”.

Viagem marcada é um bom motivo para matar bebê

“Não me arrependo do que fiz, mas sou contra isso”

“Ela pensou muito antes de fazer o aborto. Até tinha condições de ter o bebê, mas estava com uma viagem marcada e a criança iria atrapalhar”, fala Cláudia, de vinte anos, que está na sala de espera de uma clínica clandestina em Joinville. Ela veio de Curitiba com a amiga de 21 anos que queria abortar. Cláudia conversa com Zelma, uma senhora de 50 anos, que veio trazer a namorada do sobrinho. “É a quarta vez que trago alguém aqui, mas nunca fiz um aborto”, diz Zelma. E até faz propaganda garantindo que a operação é segura e que o doutor é muito competente e atencioso.

Zelma explica que o sobrinho e a namorada têm 17 anos e não estão em condições de casar: “Ele está estudando para o vestibular, nunca trabalhou na vida, é uma criança.” A família da garota não sabe de nada, e foi o pai do rapaz que pagou os US\$ 400 do aborto.

Um casal e uma amiga entram na clínica. Eles vêm de Porto União e são recebidos por uma mulher simpática. O namorado, 25 anos, não pôde entrar e ficou na sala de espera contrariado. “Ela não está preparada para ser mãe”, diz ele lembrando sua pouca idade, 16 anos. Meia hora depois, a menina aparece sorrindo: “Não me arrependo do que fiz. Mas nunca pensei que um dia fizesse um aborto. Estava indecisa até pouco antes de entrar. Eu era contra, até fazer, e acho que ainda sou. O namorado a chama, ela entra no táxi e vai embora.”

Maioria das mulheres não se previne

O ZERO entrevistou 100 mulheres em Florianópolis sobre prevenção da gravidez: 43 se previnem; destas, 33 tomam pílula e apenas uma citou a camisinha. Mas 80% delas acha importante usá-la na prevenção da AIDS. Das que não passaram do 1º grau ou não estudaram, a metade não sabiam o que eram métodos anticoncepcionais.

	Não estudou	1º Grau	2º Grau	3º Grau	- 18 anos	18 a 25	26 a 35	+ 36
Previnem	2	11	15	15	5	21	10	7
Não previnem	8	21	14	11	7	21	9	17
Nunca ouviram falar	6	13	-	-	2	3	4	10
Ligaram as trompas	-	-	2	1	-	-	1	2
Total entrevistadas	10	32	31	27	12	42	20	26

Fonte: Zero

Cytotec deixa jovem traumatizada

A jovem de 22 anos lembra da história com as mãos na cabeça e os olhos cheios de lágrimas. Lembra-se de quando acompanhou uma amiga, que estava sangrando e muito abatida, ao hospital público. “Ela tinha tomado muito Cytotec. Quando chegou ao hospital disse que havia tomado medicamento abortivo em grande quantidade”, conta ela. A partir daí começou a ser desprezada pela enfermeira e pelos médicos.

“Havia cinco mulheres nas macas do quarto com as paredes descascadas. Colocaram ela deitada lá. Algumas mulheres choravam, elas tinham feito curetagem”.

Os médicos fizeram uma ultrasonografia logo no primeiro dia e detectaram que o feto estava vivo. Disseram que só fariam a curetagem se o feto morresse. “Ela ficou naquela maca sofrendo cólicas terríveis até o dia seguinte”, quando fez outra ultrasonografia. O feto ainda estava vivo.

No terceiro dia as mesmas dores, as mesmas mulheres, e uma terceira ultrasonografia. “As enfermeiras não pareciam estar nem um pouco preocupadas com o estado dela. Quando a conduziram pelos braços ela pediu para ir ao banheiro”.

“Foi aí que a porta do banheiro abriu e ela saiu gritando com o feto

pendurado pelo cordão umbilical entre as pernas”, lembra. O feto desceu quando ela sentou na privada.

Ela desmaiou. Os médicos olharam para a enfermeira e sem mexer um músculo facial, disseram: “Tem que tirar”.

“Eu nunca vou me esquecer desta cena. Foi horrível”, chora. “Os médicos e as enfermeiras foram insensíveis. Quando tinha terminado tudo aquilo e ela estava deitada na cama se recuperando, a enfermeira veio com aquela cara sádica. Com o feto nas mãos dizia: “Tá vendo o que você fez? Olha aqui”.

Textos: Andrea Luswarghi

SONZERA

by TOMMY

TOMACCIO

É VERÃO

Já é tempo de abrir o coração e sonhar



ISSA!!

Depois de um ano a base de muito metal e coisas normalmente consideradas pesadas na década de 80, a dúvida sobre o que escutar aumenta junto com a temperatura.

Uma trilha sonora desprevenida pode ter o mesmo efeito que um dia com chuva. Ou de uma noite que acaba cedo. As músicas sérias e o heavy ficam reservadas pra-queles momentos de frio, quando a situação está entre o recolhimento e o "sair pro crime". O corpo apela para os ritmos que refrescam a cabeça.

No verão, a salada de sons é inevitável. De um lado, vem algo fervendo num caldeirão *funk*: Red Hot Chili Peppers. Qualquer disco dos caras mata em qualquer hora das -tomara - férias. "Behind The Sun", do lp *Uplift Mofo Party Plan*, honra o título e resume a temporada a quatro minutos de swing "astral". Um carro estaciona e o motorista esgaça um Santana (não é o carro). Há muitos verões que sempre aparece um des-ses no final da tarde pra lembrar da-

Cuidado com os raios UVI Sundown, Copertone, Sunbloq, Sol de Verão: fator de proteção solar 15. A pele queimada leva a insariedades como Joy Division em tarde crua-de. O FPS aumenta de grau quando o que entra nos ouvidos ainda é Peter Murphy. Escolha o guarda-sol de acordo com as cores que

emanam do seu walkman. Amarelo fica bem sob influência de Yellowman. O nado sincronizado não deve ser realizado sem Urban Dance Squad e L7. É Bacumalé a melhor salada de araquês azuis e grunge. Quanto mais independente for do lado B, mais afrobeat menos house. Qual a temperatura?

de Temple Of The Dog e chega em março achando que o verão foi lindo.

Um reggae pode ser muito legal se você estiver na Jamaica. Caso contrário, é uma gafe imperdoável.

NA SALA COM
TOMMY
TOMACCIO

noites em que se pensa na compra de um vinho branco, um lugar mais calmo...

quela guitarra tropical. Nem é preciso escutar seus últimos discos.

Mais guitarra vindo da janela dum turista. É a Eric Gales Band, ou dois irmãos e um baterista revivendo as glórias dos *power trios*. Já foi escrito até que o guitarrista - que batiza o grupo - é o sucessor de Hendrix. Eric Gales tem 19 anos, é negro e canhoto. Começou aos quatro anos no Tennessee e hoje é rotulado como um dia já foram Prince e Vernon Reid (Living Colour). O som é parecido, quebrado e revigorante. Tá bom.

Quem é *cool* mas não *coolzão* se encarna numas

A banda é formada por integrantes do Pearl Jam e do Soundgarden e faz tipo um *rhythm'n'blues* onde mesmo nas horas mais rápidas, identifica-se algo de sublime. Os mais radicais preferem Sade, que com apenas três discos virou companhia inseparável das



Grupo XTR e dupla suspensão: a novíssima GT RTS-1 custa 3.000 dólares

MOUNTAIN BIKE

Visual e adrenalina em descidas *mutcholôcas*

Uma boa dose de adrenalina, lindas paisagens e o intenso contato com a natureza são os motivos que levam cada vez mais pessoas a praticarem o *mountain bike* (MTB) como forma de lazer neste fim de século. O esporte surgiu na década de 70, quando um grupo de californianos equipou suas bicicletas com pneus largos e começou a despencar pelos morros da região.

Nestes 15 anos o mercado se especializou, com o surgimento dos quadros de alumínio e titânio. Câmbios com 21 marchas e freios foram especialmente desenvolvidos para que a bicicleta se tornasse segura na lama e em terrenos acidentados. Hoje, os componentes para MTB são fabricados em "grupos", onde pode-se comprar as peças separadamente ou em conjunto. Assim, é possível ir trocando e melhorando a bike aos poucos.

Atualmente, o preço de uma boa MTB varia entre US\$ 400 e US\$ 10 mil. Tal variação depende do material com o qual é feito o quadro e do nível de precisão e acabamento dos componentes. A Shimano, maior produtora mundial de componentes, tem no mercado vários "grupos" específicos para MTB. Existem os chamados econômicos (modelos 70 GS, 100 GS e 200 GS), bons para o uso diário, mas imprecisos e pesados para o uso em competições. Com um pouco mais de grana é possível comprar uma *bike* equipada com grupos intermediários modelos Exage 300 LX, 400 LX e 500 LX), que apresentam um bom peso e precisão para o uso em trilhas, porém duram pouco quando utilizados com frequência em campeonatos.

Para quem já gosta de encarar as competições, existem modelos fabricados com tubos mais leves, equipados com componentes especialmente projetados para um uso

mais profissional. Os "grupos" Deore (Modelos LX, DX e XT, com nível crescente de precisão, acabamento e preço) proporcionam uma pilotagem sem riscos de quebras ou desregulagens.

Como escolher - Com tantas opções, fica difícil escolher a bike certa sem se deixar levar pela "opinião do vendedor", que nem sempre entende tanto quanto parece. A primeira coisa a se verificar é se a bicicleta e do tamanho certo para você (sim, as boas MTBs são fabricadas em vários tamanhos de quadro). Para isso, basta ficar em pé com ela entre as suas pernas e verificar se o tubo superior encosta em você. O ideal é que haja uma folga de uns três ou quatro dedos.

Feita a opção do tamanho, e hora de avaliar qual o uso que você pretende dar para sua nova bicicleta. Para aqueles que não pretendam pegar uma trilha mais pesada, os grupos econômicos (US\$ 400 a US\$ 600) garantem aqueles agradáveis passeios nos fins de semana. Se você já começa a encarar algumas trilhas e quer mais precisão e menos peso, a escolha recai sobre modelos equipados com os grupos intermediários, que têm sua faixa

de preço entre US\$ 700 e US\$ 900. A qualidade dos tubos é suficiente para buscar uma certa performance, nos quadros desta faixa. Para quem participa de competições, o modelo ideal é aquele especialmente projetado para isso. Desde os tubos do quadro até as pastilhas de freio, tudo nessa bike foi minuciosamente planejado para te dar a mais alta performance com o máximo de segurança. O preço é alto entre (US\$ 1.000 e US\$ 10 mil), mas a qualidade compensa. Equipadas com componentes da mais alta tecnologia (modelos Decore LX, DX e XT), proporcionam trocas de marchas e frenagens seguras e precisas em qualquer condição de terreno.

Para o ano que vem, as grandes fábricas preparam bikes de sonho, com suspensão dianteira e traseira. Equipadas com o novíssimo grupo XTR (R de *racinq*, usado para alta competição), essas *dream bikes* custam entre cinco e dez mil dólares. Utilizam a mais alta tecnologia na construção dos acessórios, com várias peças em titânio (como os quadros, freios e cubos das rodas), proporcionando menor peso e maior durabilidade.

Fique ligado e boas trilhas

A primeira dúvida que vem à cabeça do praticante de *mountain bike* é onde comprar e consertar uma bicicleta que custa tanto dinheiro. Em Florianópolis, é possível encontrar boas marcas por preços competitivos. Na Hidromania, você encontra as famosas *Specialized's*, além da mais completa oficina da Ilha. No Córrego Grande, o "seu" Valdir realiza pequenos reparos a preços camaradas.

Mas, o importante, independente de onde você for comprar ou consertar sua bicicleta, é ficar atento. Converse com o mecânico, enquanto ele conserta a *bike*. Não deixe ninguém consertar sua bicicleta longe de suas vistas. E atenção: faça um cuidadoso exame visual em toda ela quando for retirá-la. Verifique se nenhuma peça está quebrada ou frouxa. Existem muitos picaretas disfarçados de cicleteiros.

Fábio Fava

Mulheradilha toda colorida quase sem roupa. Cervejinha na beira da praia e a cabeça a mil. Imagina o som que tá rolando? Reggae. Pode ser um Black Uhuru, Now, dançante sem abusar da eletrônica. Um Burning Spear, Live In Paris, quando a loucura não tá muito grande, senão tu vai pagar o maior sapo dando uns pulinhos e balançando o pescoço na praia. Com o estado de espírito realmente alto é legal encarar um Talking Blues, do Mestre Guru Marley. Ideal pra uma night debaixo de uma lua e em cima de uma, ah, vocês sabem, de uma montanha bem alta pra olhar o visual. Bebeu demais? Vai dar uma bojada? Blackheart Man, do Bunny Wailer, vai lhe fazer uma boa companhia. Pra despertar manda um Peter Tosh, ao vivo. A clássica "Bush Doctor" pode trazer boas idéias.

MOSS MCGRAW

O verão táí. A música é uma forma de diversão, por isso não seja muito engajado no que anda escutando. Cuca fresca. Aproveita. Depois, só no ano que vem.

banana's book
ROCKSTORY

de-tes-ta o sol